



Um ensino bilíngue possível para todos

Como derrubar crenças e transformar a educação no País



Carlos Henrique Trindade

Formado em Letras Português/Inglês e especialista em Didática para a Educação Bilingue. Responsável pelo programa de ensino bilíngue do UNOi Educação. Lidera o novo projeto de ensino bilíngue do grupo espanhol Santillana: *Educate Bilingual Program* by Richmond

Há paradigmas na área da educação que têm sufocado e sabotado evoluções que poderiam ser implementadas no modelo educacional vigente e que, com um pouco de perseverança e segurança, gerariam efeitos revolucionários e uma verdadeira reação em cadeia. E a adoção de um conceito de ensino bilíngue do século XXI para os nossos alunos nas escolas do País é uma dessas evoluções inadiáveis e imprescindíveis. Mais do que isso, é uma possibilidade concreta, ao alcance de todas as escolas, pois o paradigma do fracasso do ensino da língua inglesa nas escolas regulares do Brasil é essencialmente metodológico.

A sociedade brasileira é, ao contrário do que às vezes imaginamos, extremamente conservadora. Nossa cultura ainda é muito calcada em tradições de todo tipo: comportamentais, conceituais, de valores e de crenças. O Brasil se coloca como o País do futuro, quer

ser o País do presente, mas pensa ainda como um País do passado. Vemos isso em muitas áreas, da economia às relações humanas. E a educação não foge a esse contexto.

As famílias, de uma maneira geral, tendem a querer que seus filhos passem por um modelo de educação semelhante, ou igual, ao que elas mesmas passaram. Há, assim, um hiato de pelo menos uma geração, até de duas ou mais, entre os pais e seus filhos, hoje alunos do sistema educacional. Ora, em duas gerações, com a velocidade com que o mundo de hoje traz as mudanças e com a necessidade de nos atualizarmos e nos anteciparmos na mesma velocidade, não se pode esperar que a educação continue igual. Se queremos preparar os alunos para serem cidadãos agentes e interagentes da sociedade, precisamos redesenhar constantemente os paradigmas educacionais, os objetivos e o modo como o processo de ensino-aprendizagem conversa com o contexto social atual e futuro.



©Tishchenko/Stockphoto

O mundo de hoje, fluido, líquido, mutante, caracteriza-se por relativizações. O tempo relativiza-se; há uma sensação de que ele se esvai por entre nossos dedos. A multiplicidade de tarefas e responsabilidades que nos envolvem nos faz ter a impressão de que o tempo passa mais rápido. O mundo também parece ter encolhido. Hoje temos o poder da onipresença; comunicamo-nos, ao mesmo tempo, com colegas ao nosso lado e com colaboradores localizados em diversos recantos do planeta. O espaço e as distâncias já não limitam nossas ações, já não nos impedem mais de realizar nossos empreendimentos. Pelo contrário, as tecnologias que abraçam o mundo nos permitem produzir com pessoas o que jamais imaginamos ser possível.

A tecnologia é um capítulo à parte. Os avanços tecnológicos experimentam um momento único na história da humanidade. A progressão geométrica com que eles evoluem redefinem constantemente o mundo em que vivemos, seus valores, suas verdades e tradições. O resultado disso é que vivemos uma constante transição: de onde estamos neste momento para algo que não sabemos o que será. E a educação precisa dar conta disso e preparar os alunos para esse cenário.

Nesse contexto, na era da informação, a comunicação com o mundo é imprescindível. Saber comunicar-se e ter as ferramentas para isso é uma condição para a efetiva interação do cidadão com a produção intelectual avassaladora e crescente da humanidade, para que assim ele possa beneficiar-se dela e construir novas realidades.

E a língua do mundo, queiramos ou não, é a língua inglesa. É nela que 80% da produção intelectual mundial é feita. Não dominá-la significa ficar à margem de toda essa produção, significa ficar alijado de todo esse conhecimento, significa estar, de certo modo, praticamente fora do grande jogo da atualidade. Será que a escola regular brasileira não tem condições de colaborar para melhorar esse cenário para nossos alunos?

A escola no Brasil foi construindo historicamente uma imagem de incompetência perante o ensino de línguas estrangeiras em seu currículo. Após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1961, que retirou a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras no currículo nacional, houve uma crescente deterioração da qualidade desse ensino, principalmente pela drástica redução das cargas horárias oferecidas nas escolas. O fenômeno abriu espaço para o surgimento dos cursos de idiomas, em especial de inglês, aproveitando uma oportunidade formidável que se abriu no mercado educacional. Tais cursos tiveram relativo sucesso por conta do foco em metodologias baseadas na repetição mecânica e memorização, apresentando resultados significativos em um curto espaço de tempo, e com isso proliferaram-se pelo País. A conjunção desses cenários vai construindo, ao longo das décadas, várias crenças sobre o aprendizado de línguas estrangeiras no Brasil. Cria-se no senso comum a ideia de que o modelo de sucesso no aprendizado de línguas é o dos cursos livres: turmas pequenas, divisão dos alunos por níveis, carga horária significativamente maior...



©Tischchenko/iStockphoto

com isso, o sucateamento do ensino de língua inglesa nas escolas torna-se ainda mais dramático, pois constituía-se no oposto a tudo isso.

Na verdade, em minha busca pelas razões da construção desse cenário, percebo muita ilusão, muitas crenças infundadas. Os cursos livres de inglês obtiveram e obtêm um sucesso apenas relativo: na verdade, se considerarmos o número de alunos que entram nesses cursos e compararmos com o número de alunos que efetivamente saem deles falando fluentemente, veremos que apenas uma pequena parcela consegue realmente sucesso. As escolas regulares pautaram seu ensino de inglês em gramática normativa, em memorização de regras gramaticais e em pouca ou quase nenhuma prática de comunicação oral. Além disso, professores mal qualificados focam os erros de seus alunos, traumatizando-os para toda a vida e bloqueando



suas oportunidades de aprendizado. Para reverter esse cenário sombrio, é necessário quebrar os paradigmas e crenças vigentes na área.

Pais precisam entender que a aquisição de uma língua acontece por um processo em que há elementos subconscientes e conscientes, e que são favorecidos por uma atmosfera de superexposição. Há inúmeras pesquisas que comprovam o poder de aprender pela experiência, pela manipulação do conhecimento, pela aplicação prática, não só linguisticamente, mas em todas as áreas. E que é extremamente eficiente adquirir uma segunda língua utilizando-a como meio para a aquisição de saberes de outras áreas do conhecimento. Isso é Content and Language Integrated Learning (CLIL); isso é ensino bilíngue no século XXI. E isso é algo factível para a grande maioria das escolas do País. Ter uma carga horária grande não garante a eficiên-

cia no ensino de uma segunda língua. O que indica a qualidade e a eficiência de um programa de ensino é a metodologia aplicada, é o conceito por trás de tudo. Tenho visto escolas que, com duas aulas semanais de inglês, têm feito verdadeiros milagres com seus alunos, chamando a atenção inclusive da comunidade ao seu redor e ganhando mais alunos por sua reputação de efetivamente fazerem seus discentes falarem inglês. Não é necessário um esforço sobre-humano para realizar essa mudança. Há desafios sim; a formação dos professores é uma delas. Conscientizar, informar e formar as famílias é outro desafio inadiável. Mas se todos compartilharem da mesma visão, da mesma crença de que é possível termos alunos adquirindo realmente uma segunda ou terceira língua em suas escolas, e se todos trabalharmos em prol desse objetivo, conseguiremos concretizá-lo. Essa mudança tem o potencial de disparar uma verdadeira revolução na educação no País.

Com pais dando as mãos à escola, acreditando e confiando em seu trabalho, com as escolhas metodológicas corretas e com a certeza de que preparar nossos alunos para os desafios do século XXI é objetivo principal para a escola de hoje, podemos reverter essa conjuntura. Basta que tenhamos a coragem de romper padrões e nos reinventar. ■

ctrindade@unoi.com